

"A atitude desfavorável de alguns anunciantes de São Paulo em relação aos empregados de cor" é um artigo que faz a análise dos anúncios de procura e oferta de empregados negros e mestiços aparecidos nos principais jornais de São Paulo.

Os conceitos explicativos que o autor propõe sobre a natureza do preconceito sobre os papéis sociais dos negros e as discriminações que padecem com as estruturas das sociedades bi-raciais, tanto aqui no Brasil como nos Estados Unidos, são examinados de forma muito original e prendem a atenção do leitor, do começo ao fim.

Essa publicação reúne, assim, um material de leitura obrigatória para aqueles que investigam as relações raciais em nossa sociedade.

Helmy Mansur Manzochi

*

MIRIAM NICOLAU FERRARA. *A Imprensa Negra Paulista (1915—1963)*. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.

O negro conta a própria história dele através do livro "A imprensa negra paulista", editora FFLCH/USP-1986, de Miriam Nicolau Ferrara. Uma obra inovadora no estudo das relações raciais no Brasil, que analisa os jornais publicados por negros e para negros, de 1915 a 1963. A autora retira os negros do ostracismo e da gigantesca sombra da supremacia branca e apresenta indivíduos pensantes, que se utilizam da mídia impressa para organizar-se enquanto grupo e definir a própria identidade cultural. Um trabalho, que segundo o antropólogo Clóvis Moura — que prefacia o livro —, "repõe em discussão um problema significativo: a ideologia do negro urbano de São Paulo que sempre reivindicou o direito de ser cidadão brasileiro, o seu desejo de integrar-se em pé de igualdade com todos aqueles que compõem a nação".

Em linguagem direta - tão direta quanto os periódicos pesquisados -, Miriam guia o leitor por 48 anos de história protagonizados pelo próprio negro. O livro, que inicialmente foi uma dissertação de Mestrado do departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, está dividido em quatro capítulos: Uma imprensa de negros para negros; Histórico da imprensa negra paulista; A manifestação da imprensa negra paulista; e África na imprensa negra paulista. Cada capítulo permite ao leitor reconstituir a história desta imprensa alternativa.

O livro que poderia ser uma obra apenas descritiva, vai além. Segue passo-a-passo os caminhos percorridos pelos jornais juntamente com os colaboradores e fundadores, resgatando a liderança negra nos momentos mais expressivos dos movimentos. Depoimentos como os de José Correia Leite e Jayme de Aguiar, fundadores do jornal "O Clarim da Alvorada"; Raul Joviano Amaral, Francisco Lucrécio e Pedro Paulo Barbosa, fundadores da Frente Negra Brasileira e do jornal "A Voz da Raça"; e Aristides Barbosa,

colaborador do jornal "O Novo Horizonte", dentre outros, são um rico material que por si só justificariam toda a obra.

Enquanto falam da fundação dos jornais, estes líderes situam o negro inserido na realidade social. "Os jornais negros surgiram porque os negros não tinham sua imprensa que comunicasse o que queriam fazer, suas reivindicações, coisas que os outros jornais não aceitavam", explica Pedro Paulo Barbosa em um dos depoimentos.

Como material de pesquisa, Miriam consultou 36 títulos de jornais e revistas num total de 312 exemplares. Mas ela delimitou o universo a ser analisado aos jornais publicados no Estado de São Paulo. Segundo a autora, a escolha da Capital paulistana se deu por ela ter o material empírico mais volumoso, com 30 títulos.

Miriam coloca estes jornais em três períodos distintos. No primeiro, que vai de 1915 a 1923, ela descreve os periódicos como simples veículos de anúncios sociais, com notas de festas e de falecimento, sem grandes preocupações reivindicatórias, mais voltados para os mexericos. A análise parte do primeiro jornal alternativo negro publicado na cidade de São Paulo, o "Menelick".

No segundo período, de 1924 a 1937, os jornais começam a se tornar mais reivindicatórios com a fundação do "Clarim da Alvorada", que tinha como subtítulo a inscrição "Pelo interesse dos homens pretos. Noticioso, literário e de combate".

Com a implantação do Estado Novo, em 1937, os movimentos recuam e os jornais param de circular. Só em 1945 os periódicos voltam à tona com a característica marcante de reivindicadores, surgindo até mesmo revistas mensais como a "Senzala". A ditadura militar, em 1964, no entanto, provoca o desaparecimento dos jornais negros.

Para cada jornal pesquisado, Miriam fez um minucioso registro de identidade do periódico com o título, subtítulo local de publicação, endereço da administração e redação, periodicidade, tiragem, preço de venda, formato e mais outros 11 itens.

Miriam Nicolau Ferrara utiliza como referência bibliográfica Roger Bastide, Virgínia Leone Bicudo, Florestan Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Clóvis Moura e a metodologia de Ana Maria de Almeida Camargo para a sistematização dos jornais pesquisados. Todos estes autores parecem fazer parte de uma mesa redonda na obra de Miriam.

"A imprensa negra paulista" é um destes livros diferentes, que merece ser lido para entender melhor o negro e as diversas formas de resistência cultural que o grupo utiliza para sobreviver em sociedades discriminatórias.